

**LITERATURA E HOMOSSEXUALIDADE:
CONDIÇÃO, IDEOLOGIA E IDENTIDADE**

Luan da Cruz (UNIFSJ)

dacruzluan@gmail.com

Renato Marcelo Resgala Junior (UNIFSJ)

renatoresgalajr@gmail.com

RESUMO

Sabe-se que a homossexualidade, quando representada na literatura, tem em sua representação certa condição social pouco caracterizada e ainda sem seu espaço. Este artigo objetiva analisar a representação da homossexualidade, sua condição e ideologia presentes na obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, em relação a outras narrativas da literatura, bem como sua relação com a formação da identidade homossexual, neste âmbito. Apresenta-se uma revisão bibliográfica, embasada principalmente nas pesquisas de Leonardo Mendes (2000) e Stuart Hall (2006). Através da pesquisa bibliográfica, observou-se a forma pela qual as personagens homossexuais eram inseridas pelos escritores, a condição a qual eram expostas e o processo de formação da identidade, influenciada pelo meio social destas personagens.

Palavras-chave: Homossexualidade. Literatura. Ideologia. Naturalismo. Identidade.

1. Introdução

A homossexualidade, entendida como um acontecimento da vida ou como fenômeno social diverso, encontrou-se, no decorrer de todo o processo histórico relacionado à literatura, como manifestação de identidade marginalizada.

No mundo literário, a apresentação da homossexualidade é estigmatizada, em suas representações. Seja pela descrição narrativa, representação ou pela condição (da época, dos costumes, do momento cultural), a homossexualidade, nos estudos literários, gradualmente, torna-se comum, no universo acadêmico.

Antunes Braga Júnior (2006, p. 34), citado por Xavier e Dias, 2012, diz que

O homossexual, paulatinamente, deixa de ser verbete científico e passa a

ser representado no interior de outros discursos, auxiliando na tessitura da pluralidade que rompe com a dualidade hierárquica dos gêneros masculino e feminino.

Este trabalho tem como objetivo, analisar a questão da homossexualidade, em um universo de grandes obras e nomes da literatura como Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha, Jorge Amado entre outros, com destaque na estética naturalista. O movimento naturalista foi o reflexo de uma nova estética social e cultural, que deu sustentação a trama de romances tidos como imorais/marginais por sua temática social, como *Bom Crioulo*, *A Carne* e *O Cortiço*, objeto deste artigo.

A condição social coletiva era opção primaz do olhar naturalista. Patriota (2006, p. 117) ressalta que “O naturalismo fixou no romance brasileiro a preocupação com a realidade social coletiva, de preferência à individual; com a denúncia da miséria, quer urbana, quer rural, com a apresentação de casos de aprovação dos instintos”.

O trabalho em questão faz referência ao relacionamento de pessoas do mesmo sexo e, por esta razão, o termo, aqui empregado, é *homossexualidade*, muito embora haja pesquisadores que utilizam as terminologias *homoerotismo*, *relação homoafetiva* e ainda *homossexualismo*, quando em sentido patológico.

Esta pesquisa enfatiza a representação ideológico-social entre pessoas do mesmo sexo, feminino e masculino, mostrando a luta de identidades periféricas de gêneros, que são, explicitamente, apontadas nas obras. Identidades estas que traçam novos moldes sociais, nos quais:

Confirma Hall (2006, p. 6):

[...] As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. [...] Assim a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança.

Conhecer tais representações faz-se necessário para que a sociedade conheça sua história como produto de identidade cultural. Assim justifica-se esta pesquisa, cuja motivação é apresentar um cenário literário que há muito tempo se encontrou escondido.

Para o levantamento das informações necessárias à elaboração deste artigo, será utilizada a pesquisa bibliográfica, sustentada por referenciais teóricos. Analisando a forma de representação homossexual e sua relação de identidade.

2. A homossexualidade: uma história

O estudo histórico homossexual é a análise de questões sociais e culturais referentes a um grupo estigmatizado por suas diferenças, condições e práticas. Não foi, apenas, o sentido ideológico que originou a natureza polêmica da temática homossexual, mas, sim, todo um constructo histórico narrativo das culturas ocidentais, da Grécia à contemporaneidade.

Dessa forma, este trabalho procurará caracterizar, junto a este conjunto, o resultado de um grupo minoritário, de ascensão e dissensões, em um conjunto notável de obras da história da literatura brasileira.

Nosso olhar enfatiza as interfaces ideológicas de literatura e homossexualidade:

O termo “homossexual” foi utilizado pela primeira vez em 1869, pelo médico húngaro Karoly Benkert, que aplicou o referido termo em uma carta enviada ao ministério da justiça da Alemanha do norte, em defesa de homens homossexuais que estavam sendo perseguidos por questões políticas. (BRANDÃO, *apud* MOREIRA FILHO & MADRID, 2002, p. 15)

Data-se assim o primeiro registro do termo homossexual: “a palavra é formada pela raiz da palavra grega “homo” que significa “semelhante” ou “igual” [...] e “sexual” da palavra latina “sexus” que vem a ser “sexo...” (Idem); conclui-se que homossexualidade seja sexualidade semelhante. O uso do termo homossexual surgiu ao final do século XIX, já com histórico de perseguição política. Nota-se que desde seu registro, em 1869, o termo homossexual já trazia consigo uma carga semântica escura por parte da sociedade.

Embora estivesse o termo sendo propagado pela Europa, no Brasil, era desconhecido por nossa literatura, que não conhecendo o vocábulo apropriado à condição sexual entre pessoas do mesmo sexo, usou de termos que outrora são carregados de ideologias e estigmas, como “sodomia”, que etimologicamente se referia à cidade bíblica de Sodoma, atacada por Deus por sua sexualidade aflorada.

Em *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, encontra-se, além de “sodomia”, termos como “uranista”, outro termo do qual se valeu a literatura para referir-se à homossexualidade. De acordo com Mendes:

O narrador chama o negro de uranista, termo corrente no final do século XIX para definir o homossexual, usado em referência à musa Urânia que, no mito relatado por Platão, no *sympósium* seria inspiradora do amor entre pessoas do mesmo sexo. (MENDES, 2000, p. 163 *apud* FRYE, 1993, p. 62-64)

Ainda em “*Bom Crioulo*”, encontra-se outro termo que também foi recorrente para a literatura para referir-se à homossexualidade, aparece, então, pederasta. Caminha (p. 37) “Ao pensar nisso Bom Crioulo sentia febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta”. Termo que, segundo Ferreira (2011, p. 572), significa “perversão em que ocorre relação sexual com menino; 2. Homossexualismo masculino”. Possivelmente, este seja o termo que emprega à homossexualidade nos textos literários anteriores ao termo por nós adotado.

Para mais, os autores que não criaram termos a esta condição, referiam-se à mesma, com descrições efeminadas, personagens com trejeitos, hábitos, usualmente, femininos, indicando possíveis homossexualidades.

Não obstante, encontra-se outra terminologia para apontar um desvio da sexualidade: Jorge Amado, em *Gabriela, Cravo e Canela*, faz uso de outro termo, não muito distante da estética naturalista; o autor baiano, por questões de estilo, não emprega os vocábulos usados pelos naturalistas, contudo, evidencia-se o estigma social empregado na palavra abaixo:

[...]— Por falar em tabuleiro, me serve alguma coisa pra acompanhar. Um tiragosto qualquer. — Não tá vendo que não tem? Só de tarde. Minha cozinheira foi embora

Nhô-Galo fez-se engraçado:

— Por que você não contrata Machadinho ou Miss Pirangi?

Tratava-se dos dois invertidos oficiais da cidade. O mulato Machadinho sempre limpo e bem arrumado, lavadeira de profissão [...] (AMADO, 1995, p. 78)

Pode-se apontar, nesta passagem, forte conotação pejorativa a aversão social, uma vez que, tais práticas são consideradas abomináveis, na ideologia cristã, que pairava sobre a cidade, a qual se passava a obra, naquele tempo. Ao referir-se às personagens como “os invertidos”, infere-se que o autor, no contexto social da obra, coloca-os em uma condição subumana, a qual não se enquadrava à homossexualidade, sem levar em conta a forma “lavadeira” de referir-se às personagens.

Em *Capitães da Área*, do mesmo autor, encontra-se o termo “xibungo” para referir-se a homossexuais, de maiores trejeitos de mulher. (AMADO, 1961, p. 117)

No tocante às obras de Jorge Amado, considerando a aversão so-

cial a homossexuais, nota-se que a mesma não ocorre com esses indivíduos, quando estão nos bordéis, descritos nas obras do autor, lugares frequentados por homens de posse, socialmente, homens que fora desses ambientes estigmatizam os tidos como “invertidos”, são vistos em situações lúdicas com os mesmos dentro dos bordéis. Sobre o termo, por Jorge Amado empregado, nota-se que o mesmo já era conhecido, porém, comum à ótica da psicanálise, como se verifica abaixo:

[...] Há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas homens, e mulheres para quem não o homem e sim a mulher, representa o objeto sexual. Diz-se dessas pessoas que são “de sexo contrário”, ou melhor, “invertidos”, e chama-se o fato de inversão. (FREUD, 2006, p. 129)

Ao final do século XIX, Freud lança sua descoberta em psicanálise e, junto a ela, apresenta um novo termo que a literatura se valeria com destaque para as obras do escritor Jorge Amado.

Feita a análise da representação, apresenta-se para exemplificação geral o quadro abaixo com estereótipos da homossexualidade, observados em obras de autores, aqui, mencionados:

Uranista	Homossexual
Sodoma	
Pederasta	
Efeminado	
Invertido	
Xibungo	

3. *A homossexualidade em O Cortiço*

Em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, observa-se a austeridade dada à homossexualidade masculina de Albino e a contrapartida de Léonie, homossexual feminina, conferindo a esta uma certa aceitação social, que por diversos motivos não era estigmatizada no enredo da obra.

O meio social, o cortiço e a comunidade local, em que vivia Albino, o influenciavam, constantemente, a pensar sobre sua sexualidade. Pode-se entender que Azevedo insere a personagem homossexual para mostrar que novas formas de vida estão surgindo, não que a homossexualidade não existisse, mas, sim, por ser o escritor de tendência naturalista, Teve a necessidade de mostrar o que na prática acontecia, sabendo-se

que, na literatura, a abordagem homossexual não era tão comum.

O autor traz, à luz, um enredo de grupos e subgrupos marginalizados, de questões centradas à homoafetividade, que localizadas no contexto naturalista, fundiam-se aos pensamentos de promiscuidade, quando relacionados à homossexualidade.

A condição ideológica identificada se desenvolve em torno do personagem Albino, que no desenrolar do romance supõe-se que tal personagem apresenta comportamento homossexual, haja vista o encontro do velho estigma social, são muitas as características apresentadas. Mendes (2000, p. 83) destaca que:

Aluísio Azevedo se vale de uma série de estereótipos para caracterizar o personagem como de um homossexual como Albino – o gosto pelo carnaval, a capacidade de ser aliado e confidente de mulheres, o senso agudo de admiração e glamour femininos, o apreço por objetos em si e pela decoração de interiores – toda uma série de noções que tem sido historicamente associada à identidade homossexual masculina.

Contudo, não se podem levar como regra geral todos esses estereótipos apontados por Aluísio Azevedo, embora o contexto da obra nos permita apontar e fazer estas suposições sobre Albino (*Idem*).

Albino é um personagem periférico, no qual se desenvolve a trama de *O Cortiço*. Em final do século XIX, as ideologias estavam emergindo e novas formas de se enxergar a realidade que as acometiam transformavam-se em hábitos que conduziriam a sociedade, desde então.

Na obra, a homossexualidade está representada sob a ótica do velho estigma social. Albino é, muitas vezes, taxado como um indivíduo anormal, por seu comportamento e trejeitos efeminados. Não obstante as formas de se expressar da personagem, encontra-se profissionalmente, em Albino, a figura de lavadeiro, confidente de mulheres que inúmeras vezes o tratavam como uma delas, por suas trocas confidentes, como ressalta o trecho abaixo:

Fechava a fila das primeiras lavadeiras, o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo, cozido e com cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caía numa só linha, até o pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado, que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; em presença dele falavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem; faziam-no até confidente dos seus amores e das suas infidelidades, com uma franqueza que o não revoltava, nem comovia. (AZEVEDO, 2011, p. 43)

Supõe-se que nesse trecho, o autor coloca a sexualidade de Albino em evidência, não somente por sua relação com as mulheres, o que tam-

bém não é descrito de forma comum. Entretanto, ao descrevê-lo como sendo parte das lavadeiras, o autor particulariza a personagem numa profissão exercida, quase que exclusivamente, por mulheres, a qual homens por nenhum outro motivo exerciam-na. Mendes (2000, p. 81) analisa que

o Albino é um personagem que compõe a periferia das lavadeiras do cortiço, com as quais o narrador estabelece uma série de subenredos que dão ao romance o seu aspecto de narrativa de comunidade. Albino é um lavadeiro; e essa caracterização já é em si risível; tão somente é o empenho do personagem em exercer uma profissão exclusiva de mulheres, no romance.

Assim, evidencia-se a condição social, na qual se encontra Albino, embaraçosa e periférica, sempre às voltas de estigma social sofrido pelos habitantes do cortiço, que o questionavam por seu comportamento desvirtuado do padrão sexual de sua época, como segue neste trecho de *O Cortiço*:

– Mas afinal, perguntou Pórfiro, é mesmo exato que este pamonha não conhece mulher?

– Ele é quem pode responder! Acudiu a mulata. E esta história vai ficar hoje liquidada! Vamos lá, ó Albino! Confessa-nos tudo, ou mal te terás de haver com a gente!

– Se soubesse que era para isto que me chamaram não tinha vindo cá, sabe? Gaguejou o lavadeiro, amuado. Eu não sirvo de palito! E ter-se-ia retirado chorando, se a Rita não lhe cortasse a saída, dizendo como se falasse a uma criatura do seu sexo, mais fraca do que ela:

– Ora não sejas tolo! Deixa-te ficar aí! Se deres o cavaco é pior! Albino limpou as lágrimas e foi sentar-se de novo. (AZEVEDO, 2011, p. 73)

3.1. A homossexualidade feminina em *O Cortiço*

Percebe-se também que, nesta mesma obra, ocorrem passagens que descrevem, tipicamente, a representação da homossexualidade feminina. Esta por sua vez está vazia de estereótipos. Assim como na representação de Albino, não se encontra nomes para tal comportamento, e nem particularidades, como as de Albino. Nota-se que durante a visita da prostituta Léonie, personagem do enredo, o autor narra, de forma explícita, uma relação sexual entre Pombinha e Léonie:

– Vem cá, minha flor!... Disse-lhe, puxando-a contra si e deixando-se cair sobre um divã. Sabes? Eu te quero cada vez mais!... Estou louca por ti! E devora-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina, enchendo-a na sua simplicidade, não podia saber qual era. (AZEVEDO, 2011, p. 127)

Embora esta obra narre a representação feminina, percebe-se que a mesma não está sujeita à condição de Albino, a representação masculina da homossexualidade. Infere-se que a personagem Léonie, prostituta e dotada de prestígio, estava isenta de estigmas por seu *status* social, para com os moradores do cortiço. De acordo com Mendes (2000, p. 106), “Para o escritor, o lesbianismo de Léonie não é nenhum grande problema, e por isso ele configura essas manifestações com a mesma natureza e exuberância com que descreve a heterossexualidade de Rita, Jerônimo, Leocádia e Henrique”.

Entende-se que talvez a homossexualidade feminina não fosse relevante para a sociedade da época ou que a mesma sociedade encarava de forma diferente esta maneira de se relacionar com pessoas do mesmo sexo.

4. Literatura formando identidades

Pode-se dizer que as relações de identidade, na literatura, são, inicialmente, estabelecidas na rotulação que se faz sobre determinada obra, do que será apresentado pelos escritores. Por consequência dos fatos e ações da obra, valores serão estabelecidos a ela. Quanto à temática homossexual, o próprio conceito confere uma referência identitária ao conjunto destas produções.

Alguns autores, estudiosos da homossexualidade na literatura, trabalham com os termos literatura homoerótica e ou literatura *gay*, defendendo que, em geral, os termos equivalem-se quanto ao sentido produzido por ambos, contudo, acredita-se que formalmente o termo homoerótico possui maior representatividade, por ser mais abrangente e mais utilizado por escritores do meio. Apontam literatura *gay* como novo conceito da pós-modernidade, embora homoerótico seja o mais empregado. (PINTO, 2003, p. 10)

Argumenta-se que no trato desta temática, ora literatura *gay* ora homoerótica, a abordagem e o tratamento sejam o mesmo de obras convencionais e não contenha nada de anormalidade, mas que se difere o contexto de inserção das personagens e o meio, no qual elas estão inseridas, como defende Pinto (*apud* HOLANDA, 2003, p. 49):

Do ponto de vista literário, não vejo na linguagem dita *gay* nada de muito diferenciado das formas e estilos ficcionais ou poéticos; vejo, sim, uma diferença clara, no projeto político desta produção, que flagra e denuncia algumas caixas pretas da subjetividade masculina "ortodoxa" através da encenação

agressiva da sexualidade ou da valorização da inteligência afetiva como forma cognitiva e produtiva.

Revelar questões de identidade é, antes de tudo, buscar fundamentos pelos quais o autor se vale para sua construção artística e que, na observação da temática homossexual, seja legítimo acreditar que autores que abordam este enredo sejam homossexuais. Contudo, observa-se que, de modo geral, não o são, pois tais escritores usam destas personagens para analisar, observar, investigar, descrever comportamentos e, muitas vezes, criticar uma determinada sociedade.

Não se faz necessário, então, ser o autor homossexual para assumir, dentro da obra, uma identidade sexualmente invertida, pode o escritor aproveitar de suas personagens para tais representações acerca deste universo, ainda em construção. Segundo MacRae (*apud* BERNADET, 1982, p. 9),

Homossexualidade não é privativo de homossexuais, nem heterossexualidade de heterossexuais, nem masculinidade de homens, nem feminilidade de mulheres. Homo e heterossexualidade não designam estados, mas sim formas ou possibilidades de comportamentos extensivos ao conjunto do corpo social, envolvendo todas as pessoas independentemente da forma específica de sua genitália e da prática sexual a que se integram exclusiva ou predominantemente... A definição como homo ou heterossexual remete ao ser, à essência de um ser, idêntico a si próprio, pedra de toque, princípio central organizador e aferidor de tudo o mais.

A prática da homossexualidade não se constitui como novo fenômeno social e cultural da contemporaneidade, mas sim como manifestação subjetiva entre pessoas do mesmo sexo.

A manifestação sexual desta prática se configura como ato legítimo da ação humana, observada, até, na antiguidade clássica, na qual homem e mulher eram livres de qualquer discurso opressor. Não obstante, com a chegada da Idade Média e a posterior ideologia cristã, associou-se a esta prática um caráter demoníaco e obras de mesma temática, praticamente, desapareceram. Coube, então, ao Renascimento europeu romper este paradigma e retomar os estudos de investigação de sua natureza, conferindo à literatura um direito, antes, negado e condenado. (LE MOS, 2003)

Desta maneira, a arte literária encontrou espaços para desvelar os prazeres da sexualidade, muito embora continuasse o lado subversivo, proclamado pelo conservadorismo social vigente, encontrado ainda hoje, numa sociedade dita pós-moderna, que de um lado moderniza o cenário

homossexual, e de outro retrocede ao tempo de extrema austeridade.

De acordo com os pressupostos investigativos acerca da identidade, do escritor Stuart Hall, verifica-se que, em sua concepção sociológica de identidade, esta emerge a partir do meio social e suas implicações interferem, diretamente, na construção e formação da identidade do sujeito.

Segundo Hall (2006, p. 11),

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. [...] O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interna que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

O autor acima citado confirma o que se observa em *O Cortiço*, no qual a personagem Albino se deixa influenciar pelos moradores do cortiço. Quando questionado por sua sexualidade, Albino se cala em face às indagações, não sabendo responder as perguntas feitas pelos moradores. Infere-se, ainda, que fazendo dessa forma, pode-se criar o que Hall argumenta como identidade contraditória, pois a personagem prefere manter-se calado, em seu meio social. Assim, relacionando à representação homossexual do século XIX, período naturalista, sociedade austera e constantemente ligada às ideologias cristãs, observa-se que não há personagens, aparentemente, homossexuais, fazendo questionamentos existenciais de identidade. Supõe-se que a não observação se deve ao fato de os escritores optarem pela exposição desses indivíduos, como nova forma de vida.

A identidade, então, passa a ser definida no meio social, ao longo de sua história, como o indivíduo fragmenta sua identidade, construindo-a em diferentes momentos, sem ter, necessariamente, vontade própria de sua formação. (HALL, 2006)

A contrapartida deste trabalho se dá no momento em que as ditas literaturas contemporâneas – distantes historicamente das escolas e estéticas literárias do século XIX, como Naturalismo e Realismo, que analisavam a sociedade – introduzem, livremente, personagens que podem ser apontadas como homossexuais. Nota-se que essas personagens se questionam continuamente sobre suas identidades, muito por influência do meio em que vivem, como descrito no trecho a seguir: “Eu me sinto perdida, sozinha, no fundo de um abismo. Não sei o que fazer, e tenho a impressão de que tudo o que eu faço nesse mundo é antinatural...” (MAROH, 2013, p. 27)

Nesta obra, *Azul é a Cor Mais Quente*, romance contemporâneo

que aborda a questão sexual entre mulheres e se insere, aqui, para o estudo da formação da identidade, em âmbito social, ocorre nestas obras o que Hall já confirmava. Novas identidades surgem, na literatura, sobretudo no meio social, pois ela não deixa de refletir fatos oriundos de uma sociedade, que está entrando constantemente em conflitos que emergem na literatura.

Ainda na obra citada, percebe-se que a identidade homossexual se constrói num processo gradual que vai desde a aceitação pessoal, na qual o indivíduo se questiona por sua condição sexual, e também sua aceitação, no meio social, envolto num processo histórico-social que é influenciado, diretamente, por ideologias externas, como confirmado pelo trecho abaixo, no qual a personagem recebe influência de pessoas de seu meio social:

E pouco a pouco eu entendi que os caminhos para amar são múltiplos. Não se escolhe quem a gente vai amar, e a nossa concepção de felicidade acaba aparecendo por si mesma, de acordo com nossa experiência de vida... [...] Ela me ajudou a aceitar minha sexualidade e, também o meu trabalho, é claro. Depois ela me iniciou na cultura *gay*, e os amigos dela acabaram virando os meus. Eu não sei onde eu estaria se ela não tivesse aparecido. (MAROH, 2013, p. 79)

Inseridos neste contexto, de conflito e questionamentos sociais, os indivíduos apontados como homossexuais buscam direções para as quais possam ver-se livres de tais situações, transcorridas estas situações, as personagens criam um espaço de conforto, pois o que se entendia como crise, não mais se verifica.

5. *Considerações finais*

Após a pesquisa, apresenta-se como resultado a representação da homossexualidade, em diversos termos empregados por autores pares e díspares da literatura, de diferentes estéticas e formas de se produzir literatura.

O estudo da homossexualidade faz-se necessário à compreensão social, sem estigma ao que é diferente, com apreço ao que outro pode oferecer. A literatura, como escola da vida, oferece-nos inúmeros diálogos com as minorias para que com elas possamos aprender, e a manifestação da homossexualidade constrói-se para reafirmar identidades antes negadas, que por tempos foi-se estereotipando, com novos povos e ideologias.

Grandes escritores de literatura tentam afirmar a identidade homossexual, uns, à sua moda, levam, na temática, discussões sociais relativas à condição de personagens homossexuais; outros caminham em um enredo puramente afetivo, mostrando como acontece uma relação entre pessoas do mesmo sexo.

Obras de trama homossexual, portanto, refletem a condição de personagens homossexuais, que transitam em ideias sociais e, assim, constroem suas identidades, com aquilo que o meio lhes possibilita fazer. Alguns são acometidos ao conflito social que os cercam, pela sua forma diferente de ser, outros cerram com sua identidade e passam a questionar sua “estranha” condição.

O eu se torna o objeto de reflexão vital para sua condição, e, os que aceitam e encaram seus desejos como naturais, equilibram-se conscientemente, adequam-se aos meios e modos de vida e tudo passa a ser normal, como se o “normal” não fosse ser quem são.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. 20. ed. São Paulo: Martins, 2003.
- _____. *Gabriela, cravo e canela*: crônicas de uma cidade do interior. 50. ed. São Paulo: Martins, 1975.
- AZEVEDO, Aluizio. *O cortiço*. 38. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. São Paulo: Escala, [s./d.]. (Coleção Grandes Mestres da Literatura Brasileira, n° 34)
- CARVALHO, Gilmar. Alteridade e paixão. *Literatura Gay*. Revista *CULT-66*, ano VI. São Paulo: Editora 17, 2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo, 2010.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre sexualidade*. Coleção Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em:

<http://minhateca.com.br/atilamunizpa/Documentos/A+Identidade+Cultural+na+P*c3*b3s-Modernidade+-+Stuart+Hall,3244635.pdf>. Acesso em: 20-05-2014.

LEMOS, Saulo. Sendas do homoerotismo. Literatura Gay. *Revista CULT-66*. Ano VI. São Paulo: Editora 17, fev. 2013.

MACRAE, Edward. *Afirmção da identidade homossexual: seus perigos e sua importância*. Disponível em:

<<http://www.giesp.ffch.ufba.br/Textos%20Edward%20Digitalizados/8.PDF>>. Acesso em: 20-05-2014.

MAROH, Julie. *Azul é a cor mais quente*. Trad.: Marcelo Mori. 1. ed. São Paulo: Martins, 2013.

MENDES, Leonardo. *O retrato do imperador: negociação e sexualidade no romance naturalista brasileiro*. 1. ed: Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

MOREIRA FILHO, Francisco Carlos; MARTINS, Daniela Madrid. *Conceituando homossexualidade*. Disponível em:

<<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/etic/article/viewfile/1645/1568>>. Acesso em: 20-05-2014.

PINTO, Manuel da Costa. Sexualidades Pós-Modernas. Literatura Gay. *Revista CULT-66*. Ano VI. São Paulo: Editora 17, fev. 2013.

XAVIER, Antônio Jefferson Barreto; DIAS, Afrânio Ferreira. *Gabriela, cravo e canela e outro tempero: a homossexualidade*, 2012. Disponível em:

<http://www.saberseemperspectiva.com.br/index.php/saberseemperspectiva/art_icle/download/art4/pdf_8>. Acesso em: 20-05-2014.